ReGeo ISSN: 2177-3246

ENSINO DE HISTÓRIA DA CHINA E QUADRINHOS: COMPARTILHANDO UMA EXPERIÊNCIA

TEACHING HISTORY OF CHINA AND COMICS: SHARING AN EXPERIENCE

ENSEÑANZA DE LA HISTORIA DE CHINA Y LOS CÓMICS: COMPARTIENDO UNA EXPERIENCIA

https://doi.org/10.56238/revgeov17n7-109

Data de submissão: 06/06/2026 **Data de publicação:** 21/07/2026

Kamila Czepula
Doutora em História
Instituição: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)
E-mail: kamila.czepula@gmail.com
Lattes: http://lattes.cnpq.br/9853931394821773

RESUMO
O objetivo de nosso artigo é propor o uso das histórias em quadrinhos como recurso didático para o ensino da História da China, explorando sua capacidade de articular texto e imagem em uma linguagem híbrida que favorece a compreensão de processos históricos complexos. A narrativa sequencial e visual dos quadrinhos aproxima conteúdos acadêmicos de uma linguagem mais acessível, facilitando a memorização de contextos sociais e geográficos e estimulando vínculos emocionais com personagens e acontecimentos. A proposta se concentra na Dinastia Qin (221–206 aec), período marcado pela unificação política sob Qin Shi Huangdi, cujas medidas — como a padronização da escrita, da moeda e das medidas — consolidaram as bases de um império duradouro, mas também suscitaram críticas por seu caráter autoritário. O principal recurso utilizado foi o Quadrinho A Arte da Guerra, de Go Woo-Young (2010), e com base nele, propusemos uma atividade, desenvolvida no curso de História à distância UNIRIO/CEDERJ, para analisar criticamente o episódio da 'queima dos livros e enterro dos letrados' de Qin, conectando passado e presente e promovendo uma literacia histórica que problematiza como o conhecimento sobre a China antiga é produzido e consumido. Assim, nossa proposta é mostrar como os quadrinhos funcionam como ponte interdisciplinar, enriquecendo a experiência de aprendizagem e favorecendo uma compreensão crítica e engajadora na tradição milenar chinesa.

Palavras-chave: Ensino de História. Quadrinhos. China. Dinastia Qin. Sinologia.

ABSTRACT
The aim of our article is to propose the use of comic books as a didactic resource for teaching Chinese History, exploring their ability to articulate text and image in a hybrid language that enhances the understanding of complex historical processes. The sequential and visual narrative of comics brings academic content closer to a more accessible language, facilitating the memorization of social and geographical contexts and fostering emotional connections with characters and events. The proposal focuses on the Qin Dynasty (221–206 BCE), a period marked by political unification under Qin Shi Huangdi, whose measures—such as the standardization of writing, currency, and measurements—consolidated the foundations of a lasting empire, while also provoking criticism for their authoritarian nature. The main resource used was the comic The Art of War by Go Woo-Young (2010), and based on it, we proposed an activity developed within the distance-learning History program at UNIRIO/CEDERJ to critically analyze the episode of the "burning of books and burying of scholars" under Qin, connecting past and present and promoting historical literacy that questions how knowledge about ancient China is produced and consumed. Thus, our proposal is to show how comics function as

an interdisciplinary bridge, enriching the learning experience and fostering a critical and engaging understanding of China's millennial tradition.

Keywords: History Teaching. Comics. China. Qin Dynasty. Sinology.

RESUMEN
El objetivo de nuestro artículo es proponer el uso de las historietas como recurso didáctico para la enseñanza de la Historia de China, explorando su capacidad de articular texto e imagen en un lenguaje híbrido que favorece la comprensión de procesos históricos complejos. La narrativa secuencial y visual de los cómics acerca los contenidos académicos a un lenguaje más accesible, facilitando la memorización de contextos sociales y geográficos y estimulando vínculos emocionales con personajes y acontecimientos. La propuesta se centra en la Dinastía Qin (221–206 a.C.), período marcado por la unificación política bajo Qin Shi Huangdi, cuyas medidas —como la estandarización de la escritura, la moneda y las medidas— consolidaron las bases de un imperio duradero, pero también suscitaron críticas por su carácter autoritario. El principal recurso utilizado fue el cómic El Arte de la Guerra, de Go Woo-Young (2010), y con base en él, propusimos una actividad desarrollada en el curso de Historia a distancia del UNIRIO/CEDERJ, para analizar críticamente el episodio de la "quema de libros y entierro de los letrados" de Qin, conectando pasado y presente y promoviendo una alfabetización histórica que problematiza cómo se produce y se consume el conocimiento sobre la China antigua. Así, nuestra propuesta es mostrar cómo los cómics funcionan como puente interdisciplinario, enriqueciendo la experiencia de aprendizaje y favoreciendo una comprensión crítica y comprometida de la tradición milenaria china.

Palabras clave: Enseñanza de la Historia. Cómics. China. Dinastía Qin. Sinología.

1 INTRODUÇÃO

Os quadrinhos, enquanto uma forma de linguagem híbrida e expressão gráfica que articula texto e imagem, oferecem um potencial significativo para o ensino da História da China. A complexidade dos processos históricos chineses — desde as primeiras dinastias até os sistemas filosóficos e culturais que ajudaram a construir esta civilização — desafia a compreensão dos estudantes, sobretudo quando apresentada apenas em narrativas lineares e densas. Há uma série de experiências que podem auxiliar na definição de estratégias para o ensino de história da China (Bueno, 2017, p.60), e buscamos propor, aqui, como o uso de histórias em quadrinhos pode ser um recurso importante nesse sentido.

Como analisado por Santos (2018), as histórias em quadrinhos constituem uma forma importante e complexa de expressão de ideias, que permitem aos leitores captar, de maneira crítica, a construção de narrativas bem como a materializar conceitos. A combinação de texto e imagem auxilia na memorização de contextos geográficos e sociais; ademais, a narrativa sequencial aproxima o conteúdo acadêmico de uma linguagem mais coloquial, tornando o aprendizado mais fluido. Isso é crucial para o aprendizado da história chinesa, especialmente o período das primeiras dinastias (Xia, Shang, Zhou, Qin e Han), que pode parecer abstrata ou excessivamente distante para estudantes brasileiros devido à barreira cultural e à complexidade dos nomes e cronologias. Como podemos observar em alguns guias básicos sobre a história chinesa (Joppert, 1979; Morton, 1986 e Wood, 2022), a China antiga teve uma trajetória complexa e multifacetada. Nesse sentido, os quadrinhos funcionam como uma ponte didática: ao mesmo tempo em que tornam mais acessíveis os conteúdos, também favorecem a construção de vínculos emocionais com personagens e acontecimentos, estimulando a curiosidade e a reflexão crítica. Assim, ao integrar recursos gráficos e narrativos, os quadrinhos não apenas enriquecem a experiência de aprendizagem, mas também contribuem para uma abordagem mais interdisciplinar e engajadora da História da China, capaz de dialogar com diferentes perfis de estudantes e promover uma compreensão mais ampla e crítica dessa tradição milenar. Por fim, ela permite trabalhar uma literacia histórica, ao cruzar a fundamentação teórica dos artigos com a análise de obras específicas, transformando o quadrinho em um espaço de investigação acerca de como o conhecimento sobre o "Outro" (a China antiga) é produzido e consumido.

Nesse sentido, nosso objetivo, aqui, foi elaborar uma atividade que pudesse conciliar três pontos fundamentais para discussão crítica e construção de conteúdo; explorar um episódio da história da China antiga relativamente bem conhecido e documentado (a grande queima de livros da dinastia Qin, que veremos adiante), a interface com a modernidade por meio do uso do HQ e suas estratégias estéticas e por fim, contribuir no desenvolvimento de experiências que sirvam para aprofundar o conhecimento sobre a China, enquanto civilização e cultura, e sua trajetória histórica no mundo. O

trabalho aqui apresentado serviu como uma das avaliações obrigatórias no curso de história à distância do CEDERJ, Rio de Janeiro, do qual passamos a apresentar e relatar resultados.

Pensamos, em nossa proposta, abordar e elaborar uma atividade sobre a Dinastia Qin (221–206 aec), que ocupa um lugar singular na história da China. Foi sob o comando de Qin Shi Huangdi que ocorreu a reunificação política do território chinês, estabelecendo as bases de um império centralizado que perduraria, com diferentes dinastias, por mais de dois milênios. Contudo, a imagem do primeiro imperador é marcada por controvérsias: fontes tradicionais o descrevem como um soberano autoritário e violento, enquanto correntes historiográficas recentes, especialmente vinculadas a interpretações marxistas e comunistas, defendem que suas medidas foram necessárias para consolidar o poder imperial.

As fontes chinesas antigas, sobretudo aquelas compiladas durante a Dinastia Han (206 aec – 220 ec), apresentam a Dinastia Qin como um regime de características autoritárias e repressivas. O principal escrito desta época é o *Shiji* (Recordações Históricas) de Sima Qian (145-86 aec), que serviu de base, também, para o quadrinho que iremos analisar. Tanto nos Anais de Qin (*Shiji*, cap.5) quanto em sua biografia (*Shiji*, cap.6), Qin Shi Huangdi foi retratado como um governante que impôs severas punições, centralizou o poder em detrimento das elites locais e utilizou a força militar para subjugar os estados rivais. A administração Qin foi marcada por rígidas leis, inspiradas no pensamento legalista (*Shiji*, caps. 63 e 87), que enfatizava a disciplina, a obediência e a punição exemplar como instrumentos de governo. Essa visão consolidou-se na tradição historiográfica chinesa, que frequentemente descreveu o período Qin como um exemplo de tirania. O imperador é lembrado por sua obsessão pelo controle social e pela imposição de medidas drásticas para garantir a estabilidade do império recém-formado. A maior parte dos historiadores, tanto chineses quanto ocidentais, tende a concordar com essa interpretação tradicional (Pines et al, 2013). A narrativa de um soberano despótico, que governava por meio do medo e da violência, foi amplamente reproduzida ao longo dos séculos; e essa perspectiva encontra respaldo em episódios emblemáticos, como a construção da Grande Muralha, realizada com trabalho forçado e em condições extremamente duras, e a mobilização de enormes contingentes populacionais para projetos estatais de grande escala. Ou ainda, um dos episódios mais citados para ilustrar o caráter repressivo do governo Qin (e que utilizamos neste artigo) foi a chamada "Queima dos livros e enterro dos letrados" (Fenshu Kengru). Segundo relatos, em algum momento de 213 aec, Qin Shi Huangdi ordenou a destruição de obras literárias e filosóficas que não se alinhavam ao pensamento oficial, especialmente aquelas ligadas ao confucionismo. Além disso, teria mandado executar intelectuais que se opunham às suas políticas. Esse ato é frequentemente interpretado como um símbolo da intolerância do regime em relação à diversidade intelectual e cultural. A queima dos livros

tornou-se um marco na memória histórica chinesa, representando a tentativa de apagar tradições anteriores e impor uma ideologia única, centrada no legalismo e na autoridade imperial. Ela estava ligada a ideia de "punir a discordância e proibir a diferença" (Bueno, 2015), ponto crucial das teorias legalistas, e que Qin empregava para fortalecer esses aspecto de controle social e político.

Apesar da predominância dessa visão negativa, cumpre salientar que uma corrente historiográfica mais recente, vinculada ao pensamento maoísta, propôs uma reinterpretação da figura de Qin Shi Huangdi (Li, 1975). Para esses estudiosos, as medidas adotadas pelo imperador devem ser compreendidas no contexto histórico de sua época. Argumenta-se que a centralização do poder, a padronização da escrita, da moeda e das medidas, bem como a construção de uma infraestrutura unificada, foram passos fundamentais para a consolidação de um Estado capaz de sustentar um império duradouro. Segundo ainda nessa mesma perspectiva, Qin Shi Huangdi não teria sido mais autoritário do que outros soberanos contemporâneos. A diferença estaria no fato de que sua dinastia foi sucedida pela Han, cujos historiadores tinham interesse em deslegitimar o regime anterior para reforçar a própria autoridade. Assim, a imagem negativa do primeiro imperador seria, em parte, resultado de uma construção ideológica promovida pelos Han. Embora duras, as medidas de Qin foram necessárias para superar a fragmentação política e criar uma estrutura estatal sólida. Nesse sentido, o imperador seria um precursor da ideia de unidade nacional, fundamental para a história posterior da China. Essa corrente ficou pouco conhecida no Brasil, em relação às visões mais tradicionais. Apenas algumas publicações selecionadas (Gernet, 1969; Jiao, 1981 e Li & Chu, 1985) circularam por aqui, em contraste com a abundante historiografia inspirada nas narrativas antigas.

Contudo, há pontos de consenso entre as duas correntes, e é neste ponto específico que este trabalho se atém. Ambas reconhecem o papel central de Qin Shi Huangdi na unificação da China. Seja visto como tirano ou como estadista visionário, o imperador foi considerado responsável por estabelecer as bases de um império que perduraria por séculos (Bueno, 2022). O que difere é a avaliação moral e política de suas ações. A tradição confucionista e a historiografia clássica enfatizam a violência e a repressão, enquanto a corrente maoísta destaca a necessidade histórica das medidas adotadas. Ambas concordam que a unificação foi realizada por meio de políticas duras e repressivas, que exigiram sacrifícios significativos da população. Um desses episódios – a queima dos livros – é que nos serve de base para a proposição de uma experiência didática que conecta passado e presente, e nos convoca a fazer releituras críticas sobre determinados episódios históricos. Em última análise, independentemente da avaliação moral, o legado de Qin Shi Huangdi é inegável. Ele inaugurou uma nova era na história chinesa, estabelecendo padrões de governo e de organização estatal que moldariam o futuro do império. A unificação da China, realizada sob seu comando, foi um processo marcado por

medidas duras e repressivas, mas também por uma visão de unidade que se tornaria fundamental para a identidade chinesa.

2 DESENVOLVIMENTO

Para apresentar a atividade que desenvolvemos, empregamos um trecho do livro intitulado *A Arte da Guerra*, de Go Woo-Young, que trata justamente sobre o período Qin. Iremos proceder a uma apresentação do autor e, em seguida, ao lançamento da obra no Brasil. Como base dessa seção, iremos utilizar os trabalhos da MBC (2001) e a biografia sobre Go feita por Jang (2009).

Go Woo-young (também grafado como 'Koo Woo-young'; em chinês, 高羽荣; em pinyin 'Gao Yurong', em hangul 고우영 ou 'Go U-yeong') nasceu em 27 de setembro de 1938, em Benxi, província de Liaoning, na Manchúria - atualmente parte da China. Em função das invasões japonesas, sua família teve que deslocar-se entre China e a península coreana, se estabelecendo lá em definitivo após a libertação da Coreia em 1945. Sua entrada no mundo das artes gráficas ocorreu precocemente; em 1955, enquanto ainda cursava o ensino médio, estreou com a obra *Jjok-bari*. A morte prematura de seus irmãos mais velhos, que também eram artistas de quadrinhos, impeliu Go a assumir a responsabilidade de sustentar sua família através da arte, consolidando sua dedicação ao meio. A trajetória de Go Woo-young é frequentemente dividida entre sua produção inicial e o marco de 1972, quando iniciou a serialização de *Suhoji* (A Margem da Água) no jornal *Daily Sports*. Ele alternava na produção de sátiras críticas com a adaptação modernamente estilizada de clássicos da literatura chinesa. Go foi arquiteto da uma transição paradigmática do *manhwa*. Antes dele, o meio era predominantemente voltado para o público infantil (*myeongrang manhwa*). Go introduziu temas complexos, erotismo moderado, violência estilizada e, acima de tudo, uma crítica social mordaz.

A análise técnica de sua obra revela elementos distintivos que definiram o "estilo Go Woo-young": O uso de personagens visualmente distintos (frequentemente com narizes longos ou traços exagerados) para denotar traços de personalidade, o uso de anacronismos e Metalinguagem - Go frequentemente inseria elementos modernos em cenários históricos e quebrava a "quarta parede", conversando diretamente com o leitor para comentar a narrativa ou a situação política da época; e por fim, ao contrário das representações hagiográficas de figuras históricas, Go retratava heróis clássicos como seres humanos falíveis, empáticos, mesquinhos ou vulneráveis.

O corpus de Go Woo-young é notável por suas adaptações de clássicos da literatura chinesa e coreana, no qual se destacam as obra *Samgukji (Romance dos Três Reinos)*, *Seoyugi (Jornada ao Oeste)*, *Iljimae* (uma obra centrada no herói folclórico coreano, explorando temas de justiça social e

identidade) e por fim o *Chohanji* (1991), uma coletânea de histórias clássicas chinesas em oito volumes, da qual o presente livro, *A Arte da Guerra*, foi retirado, como explicaremos adiante.

Fato é que durante as décadas de 1970 e 1980, sob o regime autoritário na Coreia do Sul, a obra de Go Woo-young foi alvo de severa censura. O governo via sua sátira e o conteúdo "adulto" como subversivos ou prejudiciais à moral pública. Muitas de suas obras foram mutiladas por editores e censores, perdendo o ritmo narrativo original. Foi apenas no início dos anos 2000 que edições "completas" e restauradas de seus trabalhos foram publicadas, permitindo que uma nova geração de leitores e acadêmicos apreciasse a integridade de sua visão artística. Go Woo-young faleceu em 25 de abril de 2005, e seu legado é incomensurável: ele é creditado por elevar o *manhwa* ao status de "literatura gráfica" e influenciar diretamente a geração atual de autores de *webtoons*. Ele não foi apenas um ilustrador, mas um cronista social que utilizou o humor e o traço para navegar por períodos de opressão política. Sua habilidade em desconstruir mitos e humanizar a história permanece como o pilar central de sua importância acadêmica e cultural na Coreia do Sul.

No Brasil, o primeiro volume do *Chohanji* foi publicado com o nome de *A Arte da Guerra – o nascimento do império chinês* em 2010 – ou seja, cinco anos após a morte do autor. O projeto de publicação de outros volumes foi descontinuado em função da venda da editora Conrad (responsável pela tradução) neste mesmo ano, e nunca foi retomado desde então. Alguns detalhes sobre a obra são importantes: em primeiro lugar, o título escolhido no Brasil buscava dialogar com o sucesso de vendas *A Arte da Guerra* de Sunzi, mas não possuía qualquer relação com o original, o que eventualmente pode ter confundido muitos leitores. O livro se tratava, de fato, dos episódios e biografias realtivas ao surgimento da dinastia Qin, num período bastante posterior ao de Sunzi. Dois professores do Curso de Língua Chinesa da Universidade de São Paulo, Antônio Bezerra de Menezes Jr. e Chen Tsung Jye, foram convidados a realizar uma introdução histórica e filosófica sobre o período de formação desta dinastia, trazendo uma contribuição bastante elucidativa sobre a narrativa que se seguiria. Mesmo assim, as interpolações contemporâneas e tiradas humorísticas de Go Woo-young devem ter surpreendido muitos leitores que esperavam uma apresentação mais tradicional ou de época. O volume se encerra no momento auge da repressão exercida por Qin Shi Huangdi, e continuação prometida em um segundo volume - como dissemos - nunca ocorreu em língua portuguesa. A narrativa do autor opta por reproduzir a concepção cristalizada na historiografia tradicional chinesa – isto é, dos caracteres despóticos do primeiro imperador Qin, e de como ele justificava sua violência pela necessidade de unir a nação. De certa forma, como os biógrafos de Go apontam (como é o caso de Jang, 2009), ele aproveitava para fazer críticas, em alguns momentos, à situação política na China e na Coreia do Sul

da época. Vivenciando regimes autoritários, ambos os governos pareciam ecoar a cantilena de Qin, afirmando que era necessária a força para conservar a nação.

3 ATIVIDADE PROPOSTA

Dando prosseguimento a nossa atividade: como informamos anteriormente, a avaliação que iremos apresentar foi proposta dentro dos critérios pedagógicos e metodológicos de Ensino a Distância preconizados pelo consórcio CECIERJ e pela UAB (Universidade Aberta do Brasil) para o Curso de História a Distância, onde a autora do presente texto atua como tutora. A atividade constitui-se de uma AD (Avaliação distância) baseada no uso do livro didático do Curso (Bueno, 2012) e na pesquisa em rede, como será descrito. Segue a atividade de avaliação como descrita:

> As histórias em quadrinhos vêm se consagrando como valiosos recursos pedagógicos em sala de aula. Tendo consciência da sua importância no ensino da História, esta AD1 desafia você que está do outro lado do computador a trabalhar com esse recurso!
> Leia abaixo um trecho do quadrinho A arte da Guerra: o nascimento do Império chinês de Ko Woo-young.

Figura 1





Fonte: Go Woo-Young (2010)

Com base no quadrinho, no material didático da aula 3, nos textos do professor Rodrigo Santos https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/85132/52136 e de W. Morton https://orientalismo.blogspot.com/p/china-as-primeiras-dinastias-por-w.html, produza um texto com o seguinte formato:

Introdução: Dê uma dimensão geral do assunto e desenvolva argumentos que justifiquem porque os quadrinhos podem ser uma ferramenta bem relevante para o ensino de História da China.

Desenvolvimento: Nessa parte, deve aparecer de maneira clara: **qual é a dinastia chinesa** a que o quadrinho acima faz referência? Quais são as informações que estão de acordo com os fatos históricos que você aprendeu aqui no curso (cite no mínimo **duas** e comprove teoricamente sua veracidade), e as que não são e/ou tem teor anacrônico (cite no mínimo **duas** e justifique respaldado em fatos históricos seus erros). Com base nessas constatações, problematize por meio de uma explicação detalhada e coerente sobre como o quadrinho poderia ser trabalhado em sala de aula (veja os exemplos das análises desenvolvidas pelo professor Rodrigo).

As referências-base, assim como outras que podem adentrar na discussão – se julgar necessário - são os seus suportes teóricos, por isso, devem aparecer de maneira articulada no corpo do texto!

Conclusão: Apresente de maneira breve, mas bem articulado todos os pontos desenvolvidos no texto e suas expectativas quanto ao resultado da aplicação dessa atividade em sala de aula.

Como Gabarito, o primeiro elemento fundamental no texto a ser construído pelos discentes era identificar o quadrinho como representando a dinastia Qin (séc. 3 aec), marcada pelo autoritarismo, pela repressão aos intelectuais e pela primeira grande queima de livros organizada por um governo na história chinesa. Isso é atestado pelo livro base do curso (Bueno, 2012: 65, 81 e 147), e Morton (1986) igualmente afirma que:

> Foi na área do pensamento que a nova política de uniformização provocou a maior oposição, que na época se manteve latente, mas que veio à tona com os eruditos nas dinastias subseqüentes e se refletiu no azedume duradouro contra o regime dos Qin. Objetivando fazer uma limpeza total que varresse o passado e desfizesse antigas lealdades aos Estados anteriores, o ministro-chefe, Li Si, conseguiu que, em 213, Qin Shi Huangdi, baixasse um decreto que ordenava a queima de todos os livros, exceto os dedicados a assuntos práticos, como agricultura, adivinhação e medicina. Os eruditos que desobedecessem à ordem seriam executados. Parece que de fato alguns deles foram enterrados vivos (1986, 69-71).

Esse trecho de Morton é bastante elucidativo, e os permite identificar algumas das ideias que se apresentam corretas no quadrinho (lembrando sempre aos discentes da importância de subsidiar cada uma dessas informações com ao menos uma referência):

- Queima de livros, momento marcante na história da dinastia Qin, e usualmente considerado como um ponto de recrudescimento na repressão exercida pelo regime. O tema deste trecho selecionado do quadrinho percorre todo o evento ocorrido provavelmente em 213 aec.
- Repressão ao livre pensamento e expressão de ideias: já nas primeiras tiras do quadrinho, um dos guardas questiona a razão de queimar os livros, e é rapidamente repreendido sob ameaças por outro oficial; no mesmo sentido, o "livreiro" que surge para comprar os livros admoesta os guardas sobre a queima dos livros e é executado sem delongas. Esses personagens reproduzem a ideia do clima de perseguição e de supressão de direitos que atingira a dinastia Qin.
- Repressão aos intelectuais: os intelectuais que se opunham ao regime e a sua violência foram igualmente vitimados. As últimas tiras do trecho selecionado revelam o imperador furioso com os queixumes dos letrados, e a subsequente punição aplicada – o enterramento vivo dos mesmos.

Como anacronismos, podemos identificar vários elementos que foram utilizados pelo autor do quadrinho para dinamizar a narrativa e lhe proporcionar um tom coloquial, mas que não se verificam

como corretas em um plano histórico mais rigoroso. Temos como exemplos claros (lembrando sempre a necessidade de buscar uma referência para validar as afirmações):

- Formato dos livros: no quadrinho eles aparecem como volumes encadernados de papel, o que está errado. A fabricação do papel só seria formalizada no período Han, e o formato de volume encadernado não existia ainda nessa época. Os livros eram feitos de tiras de bambu (raramente de seda) e enrolados, tal como identificado em Bueno (2012, v. 2, 24 e 41).
- Uso de gasolina: apesar das vastas descobertas científicas chinesas, a gasolina - usada para queimar livros no quadrinho - com certeza não era uma delas. Este derivado do petróleo só foi identificado e produzido como combustível a partir do final do século 19, quando foi popularizado por Nikolaus Otto, inventor alemão de motores a combustão.
- Dinheiro em papel: mais conhecido "papel-moeda", as primeiras cédulas conhecidas surgiram na China - mas muitos séculos depois, durante a dinastia Song (960-1279 ec), e foram mundialmente popularizadas pelos conquistadores mongóis. No quadrinho, o comprador de livros aparece com uma mala cheia de dinheiro em papel, mas isso não está correto. No período Zhou, vários tipos de moedas de cobre e ouro foram utilizadas, até que Qin promoveu uma uniformização da cunhagem. As moedas da época, de uso comum, eram feitas em bronze e no formato redondo, com um furo no meio, para serem amarradas com um cordão.
- Uniformes dos militares: caracterizados de forma livre e com traços cômicos, os soldados desenhados nos quadrinhos usam uniformes sem qualquer relação com as vestimentas militares da época Qin. Os soldados de Qin foram fielmente representados nas estátuas presentes na tumba de Qinshi Huangdi, compondo o mundialmente famosos "exército de terracota". Como se pode notar, suas vestimentas e armaduras são bastante diferentes (Bueno, 2011, vol.1, 72 e 148-149, traz uma foto de alguns guerreiros da tumba), e o autor tomou uma liberdade estética em sua representação.
- Figura de Qinshi Huangdi: o mesmo pode ser dito sobre a representação do imperador que aparece na penúltima tira do quadrinho. Uma breve pesquisa revela que essas não eram as vestimentas imperiais típicas na época, tratando-se de outra liberdade estética do autor.

E como poderíamos trabalhar este quadrinho – e essas constatações – em sala de aula? Como opções, podemos:

- Fazer uma comparação entre representação e realidade: Os alunos podem identificar elementos corretos e anacrônicos, como fizemos acima, e discutir por que o autor optou por tais

representações, a partir de pesquisas em fontes diversas, como livros e na internet. Isso desenvolve a capacidade de leitura crítica sobre as fontes visuais.

- Discussão sobre memória e poder: A queima de livros pode ser problematizada como exemplo de controle da memória coletiva. Podemos comparar com outros momentos históricos (como regimes totalitários modernos) para enriquecer o debate, ou buscar visões chinesas sobre esse momento histórico para compreender como ela foi abordada por autores diferentes.
- Podemos fazer uma abordagem Interdisciplinar, empregando o quadrinho para refletir sobre o papel das escolas de pensamento chinesas nos processos políticos da antiguidade, na formação da dinastia Qin e essa articulação com artes visuais, mostrando como diferentes linguagens representam o passado.
- No mesmo sentido, convidar os alunos a comparar esse material com filmes e desenhos que tratem desse mesmo período histórico, buscando semelhanças e diferenças de abordagem conceitual e narrativa.
- Podemos propor igualmente uma produção criativa, convidando os estudantes a reescrever ou redesenhar trechos do quadrinho, corrigindo anacronismos e aproximando a narrativa da realidade histórica, o que reforça a compreensão dos conteúdos.

4 RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do distanciamento histórico e cultural em relação à China, a maior parte dos discentes conseguiu identificar os anacronismos na obra e estabelecer comparações profícuas com o contexto da modernidade e as questões relacionadas a regimes autoritários. O uso do quadrinho funcionou de maneira bastante adequada para construir um conhecimento básico sobre o período histórico em questão, mas trouxe a luz também aproximações possíveis com conceitos históricos e políticos mais recentes. Tomando cuidado para evitar anacronismos ou projeções sobre o passado, a avaliação foi bem sucedida em formar um panorama da China antiga, fornecer u instrumental básico sobre suas instituições políticas e suas escolas filosóficas e, por fim, ampliar os horizontes sobre o conhecimento da antiguidade entre os discentes, proporcionando um elemento pluriverso na constelação das civilizações antigas.

Uma avaliação positiva desses resultados – no qual 95% dos discentes alcançou nota na média ou acima nos permite afirmar, por conseguinte, que o uso das Histórias em Quadrinhos (HQs) como ferramenta pedagógica para o ensino da História da China fundamenta-se na capacidade dessa linguagem híbrida de atuar como uma ponte entre a densidade acadêmica e a compreensão do estudante. Devido à distância cultural e à complexidade das cronologias dinásticas, o suporte visual

das HQs permite materializar conceitos abstratos, facilitando a memorização de contextos geográficos e sociais. Além disso, a narrativa sequencial promove um engajamento emocional e uma literacia histórica crítica, permitindo que os alunos investiguem como a imagem do "Outro" chinês é construída e consumida no Ocidente. Um exemplo prático dessa aplicação é a análise do Quadrinho *Arte da Guerra* de Go Woo-young. Ao apresentar um retrato reconfigurado da dinastia Qin, essa fonte se torna um recurso estimulante para explorar a dualidade entre fatos históricos e licenças poéticas. Por um lado, as obras costumam retratar o autoritarismo do imperador Qin Shi Huangdi e episódios centrais como a Queima de Livros e a violenta repressão aos intelectuais. Esses momentos são fundamentais para discutir o controle da memória coletiva e a unificação do pensamento estatal na formação do primeiro império chinês. Por outro lado, o quadrinho torna-se um objeto de investigação científica quando o aluno é incentivado a identificar anacronismos. Erros comuns em produções ficcionais, como a representação de livros encadernados em papel, o uso de papel-moeda ou tecnologias modernas como a gasolina, servem de gancho para o exercício do rigor histórico. Ao confrontar a representação gráfica com evidências arqueológicas, como as moedas de bronze circulares e o exército de terracota, o estudante desenvolve a capacidade de leitura crítica de fontes visuais. Finalmente, a proposta pedagógica culmina na transformação da sala de aula em um espaço de produção criativa e debate interdisciplinar. Mais do que apenas consumir a história, os alunos são convidados a comparar diferentes linguagens (filmes, desenhos e textos acadêmicos) e a realizar intervenções nas narrativas, como redesenhar trechos corrigindo imprecisões históricas. Essa abordagem não apenas consolida o conhecimento sobre a China Antiga, mas também capacita o aluno a questionar representações culturais e a entender a história como um processo vivo e em constante reinterpretação.

REFERÊNCIAS

BUENO, André. ‘Abolir o passado, reinventar a história: a escrita histórica de Hanfeizi na China do século III a.C.’ *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 8, n. 18, 2015. DOI: 10.15848/hh.v0i18.899.

BUENO, André. ‘Ensinando a História da China: Como fazer?’. *Revista Tempo, Espaço e Linguagem*. 8, p. 56-67, 2017.

BUENO, André. *Extremo Oriente na Antiguidade vols. 1 e 2*. Rio de Janeiro: CEDERJ / UAB, 2012.

BUENO, André. *História da China Antiga*. Rio de Janeiro: Projeto Orientalismo, 2023 (ed. revisada)

GERNET, Jacques. *O mundo Chinês*. Lisboa: Cosmos, 1969.

JANG, Sang-yong. 나 는 펜 이고 펜 이 곧 나 다: 한국 만화가들 의 감동적인 인생 이야기 [*Eu sou a caneta e a caneta sou eu: As histórias de vida comoventes de artistas de mangá coreanos*]. Seoul: Crimson, 2008.

JIAO, Jian. *História da China*. Beijing: Grande Muralha, 1981.

JOPPERT, Ricardo. *O Alicerce Cultural da China*. Rio de Janeiro: Avenir, 1979

KO, Wo-Young (Go Woo-Young) *A Arte da Guerra: o nascimento do império chinês*. São Paulo: Conrad, 2010.

LI, Min & CHU, Guang. *História da China.* Beijing: BFL, 1985.

LI, Yu-ning, ed. *The First Emperor of China: The Politics of Historiography*. Nova Iorque: International Arts and Sciences, 1975.

MBC. *Documentary Success Era. Season 1, episode 176, "Cartoonist Go Woo-young."* Directed by MBC. Aired July 8, 2001, on MBC.

MORTON, Scott W. *China - História e Cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

PINES, Yuri; FALKENHAUSEN, Lothar von; SHELACH, Gideon; YATES, Robin D. S., eds. *Birth of an Empire: The State of Qin Revisited.* Berkeley: University of California Press, 2013.

SANTOS, Rodrigo. 'Algumas possibilidades das histórias em quadrinhos como recursos de prática docente na área de História na Educação Básica'. *Aedos*, Porto Alegre, v. 10, n. 23, p. 354-373, Dez. 2018.

SIMA, Qian. ‘Shiji’ in BUENO, André. *Textos da China Antiga*, vol. 56. Rio de Janeiro: Projeto Orientalismo, 2023.

WOOD, Michael. *História da China*. São Paulo: Crítica, 2022.